



entendes o que lê

um guia para entender a
Bíblia com auxílio da exegese
e da hermenêutica

**Gordon D. Fee &
Douglas Stuart**
3.^a Edição revisada e ampliada

Entendes o que lê? é uma obra de fundamental importância, pois fornece informações imprescindíveis para quem estuda, ensina e prega as Escrituras. Com uma linguagem agradável e fácil de ler, os autores ensinam a estudar a Bíblia mediante o estudo dos mais variados gêneros literários que nela encontramos (narrativa, poesia, epístola etc.). Sem dúvida, trata-se de uma ferramenta indispensável para pregadores e estudantes da Palavra.

Itamir Neves de Souza

Mestre em Ciências da Religião pela Umesp, professor de Antigo e Novo Testamento, teologia do Novo Testamento e pregação expositiva da Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

.....

Numa linguagem simples e clara, os autores nos ensinam a evitar muitas ideias que tornam a vida cristã e a missão da igreja um fardo em vez de uma alegria. Todos que procuram uma base segura para melhor ouvir e pregar sermões ou ler proveitosamente a Bíblia encontrarão aqui o que precisam. Essa tem sido minha experiência por 25 anos, pois, inúmeras vezes, uma simples frase iluminou grande parte do caminho. É uma alegria ver este precioso manual ainda melhor nesta terceira edição revisada e ampliada.

Daniel de Oliveira

Linguista e professor de hebraico, grego e exegese bíblica.

Sumário

Abreviaturas	9
Prefácio à terceira edição em português	13
Prefácio à terceira edição	15
Prefácio à primeira edição	19
1. Introdução: a necessidade de interpretação	23
2. Ferramenta básica: uma boa tradução	41
3. Epístolas: aprendendo a pensar contextualmente	67
4. Epístolas: questões hermenêuticas	87
5. Narrativas do Antigo Testamento: seu emprego apropriado	109
6. Atos: o problema do precedente histórico	131
7. Evangelhos: uma história, muitas dimensões	153
8. Parábolas: você entendeu a lição?	179
9. Lei(s): as estipulações da aliança para Israel	195
10. Profetas: fazendo cumprir a aliança em Israel	217
11. Salmos: as orações de Israel e as nossas	247
12. Sabedoria: então e agora	271
13. Apocalipse: imagens do juízo e da esperança	299
Apêndice: avaliação e uso dos comentários	319
Índices onomástico e de textos bíblicos	330

Abreviaturas

Antigo Testamento

Gn	Gênesis	Ec	Eclesiastes
Êx	Êxodo	Ct	Cântico do Cânticos
Lv	Levítico	Is	Isaías
Nm	Números	Jr	Jeremias
Dt	Deuteronômio	Lm	Lamentações
Js	Josué	Ez	Ezequiel
Jz	Juízes	Dn	Daniel
Rt	Rute	Os	Oseias
1Sm	1Samuel	Jl	Joel
2Sm	2Samuel	Am	Amós
1Rs	1Reis	Ob	Obadias
2Rs	2Reis	Jn	Jonas
1Cr	1Crônicas	Mq	Miquéias
2Cr	2Crônicas	Na	Naum
Ed	Esdras	Hb	Habacuque
Ne	Neemias	Sf	Sofonias
Et	Ester	Ag	Ageu
Jó	Jó	Zc	Zacarias
Sl	Salmos	Ml	Malaquias
Pv	Provérbios		

Novo Testamento

Mt	Mateus	Rm	Romanos
Mc	Marcos	1Co	1Coríntios
Lc	Lucas	2Co	2Coríntios
Jo	João	Gl	Gálatas
At	Atos	Ef	Efésios

1Ts	1Tessalonicenses	Tg	Tiago
2Ts	2Tessalonicenses	1Pe	1Pedro
1Tm	1Timóteo	2Pe	2Pedro
2Tm	2Timóteo	1Jo	1João
Tt	Tito	2Jo	2João
Fm	Filemom	3Jo	3João
Hb	Hebreus	Ap	Apocalipse

Outras abreviaturas

a.C.	antes de Cristo	ed.	editado por
AT	Antigo Testamento	et al.	<i>et alii</i> , e outros
c.	cerca de	etc.	<i>et cetera</i> , e outras coisas
cap.(s)	capítulo(s)	i.e.	<i>id est</i> , isto é
cf.	conferir	NT	Novo Testamento
d.C.	depois de Cristo	p.	página(s)
e.g.	<i>exempli gratia</i> , por exemplo	v.	ver; versículo(s); volume(s)

Abreviaturas de traduções da Bíblia

A21	Almeida 21, 2008
ACF	Almeida Corrigida e Fiel, 1994
ARA	Almeida Revista e Atualizada, 1993
ARC	Almeida Revista e Corrigida, 1995
BJ	Bíblia de Jerusalém, 1981, 2002
BV	Bíblia Viva, 1981
ESV	The English Standard Version, 2001
GNB	The Good News Bible, 1976
GNB2	The Good News Bible, 2ª ed., 1994
JB	The Jerusalem Bible, 1985
KJV	The King James Version, 1611
LB	The Living Bible, 1971
NAB	The New American Bible, 1970
NASB	The New American Standard Bible, 1960
NASU	The Updated New American Standard Bible, 1995
NEB	The New English Bible, 1961

NIV	The New International Version, 1973
NJB	The New Jerusalem Bible, 1985
NKJV	The New King James Version, 1982
NLT	The New Living Translation
NRSV	The New Revised Standard Version, 1991
NTLH	Nova Tradução na Linguagem de Hoje, 2000
NVI	Nova Versão Internacional, 2001
REB	The Revised English Bible, 1989
RSV	The Revised Standard Version, 1952
TNIV	Today's New International Version, 2002

Prefácio à terceira edição em português

Já é uma façanha um livro ser relevante para as pessoas de seu tempo. Mas continuar sendo relevante mesmo depois de algumas décadas é, sem sombra de dúvida, uma proeza que se aplica a poucos livros. *Entendes o que lêes?* certamente é uma dessas raras obras que os anos não conseguiram calar, pois ainda fala às novas gerações com a mesma força, impacto e relevância com que falou à geração da época em que foi escrito.

Apesar disso, os autores, Gordon D. Fee e Douglas Stuart, sentiram a necessidade de fazer algumas atualizações, tanto bibliográficas quanto textuais, na maioria dos capítulos, principalmente no que diz respeito às questões que envolvem a narrativa bíblica.

O leitor que já conhece as edições anteriores em português notará que foi acrescentado um capítulo sobre versões e traduções bíblicas: “Ferramenta básica: uma boa tradução”. Esse capítulo não é um acréscimo dos autores à nova edição americana, pois já constava na primeira edição em inglês. No entanto, por ocasião da elaboração das edições anteriores em português, pelo fato de o capítulo 2 basear sua discussão sobre versões da Bíblia em inglês, optou-se por não inserir esse capítulo. Contudo, diante da notória evolução dos estudos na área de tradução bíblica, hoje julgamos ser importante para o estudioso da Bíblia a discussão teórica que os autores propõem nesse capítulo sobre tradução. Assim, nesta nova edição em português, optamos por incluir o capítulo 2. Nele, conservamos a discussão em torno das traduções da Bíblia em inglês, em respeito aos comentários dos autores. Não seria correto substituímos as traduções inglesas que os autores analisam por traduções equivalentes em português, uma vez que toda a análise que eles fazem se baseia nas primeiras, e não nas últimas. A bem da verdade é provável que os autores jamais tenham

lido alguma tradução da Bíblia em português, razão pela qual os comentários deles não se aplicam de modo algum às nossas traduções.

No restante da obra, porém, nos casos em que os autores não discutem a tradução bíblica em si, mas apenas fazem citações do texto bíblico, foram usadas traduções em português que fossem equivalentes. Esperamos que o leitor, em seu estudo particular, possa por si mesmo comparar as versões em inglês (que traduzimos literalmente no capítulo 2) com as atuais versões disponíveis em português.

Desde a sua primeira publicação em português, em 1984, este livro tem sido adotado por diversos professores de seminário, principalmente por aqueles que estão envolvidos com a tarefa da interpretação e pregação da palavra de Deus. Contudo, muitos pastores e estudiosos da Bíblia também têm usufruído dos valiosos recursos que esta obra oferece para o ensino da palavra. Por isso, nossa expectativa é que esta nova edição continue sua trajetória de contribuição para o exercício de um dos ministérios mais importantes da igreja de Jesus Cristo, o ministério da pregação do Evangelho.

Os Editores
Janeiro de 2011

Prefácio à terceira edição

A publicação da segunda edição da obra *How to Read the Bible Book by Book* [Como ler a Bíblia livro a livro] (2002) exigiu dos autores uma reconsideração e uma atualização do *Entendes o que lês?*. Em parte, isso se deu pelo fato de que regularmente fizemos referência a várias passagens do *How to Read the Bible Book by Book* no *Entendes o que lês?* (na época, usamos a primeira edição, e agora, para atualizar este livro, fizemos uso da segunda edição do *How to Read the Bible Book by Book*). No processo dessa referência, constatamos o quanto tínhamos aprendido desde o período em que escrevemos a primeira edição, entre 1979 e 1980, e o quanto os dados presentes neste livro tinham mudado em todo esse tempo. Não somente precisamos mudar as referências do século XX para o século XXI (!), mas estamos conscientes de que outras informações já eram “datadas” (de fato, os agradecimentos pelos manuscritos datilografados por nossas secretárias na primeira edição, fez-nos sentir um pouco ultrapassados). Também foi nosso desejo refletir sobre vários avanços significativos dos estudiosos (especialmente no que diz respeito às narrativas bíblicas). Portanto, isso explica de forma breve o porquê desta presente edição. Mas algumas explicações relevantes também são necessárias.

O capítulo mais óbvio que precisávamos rever era o capítulo 2. Embora muitos dos apontamentos e exemplos da teoria da tradução tenham sido conservados, cada tradução listada na edição anterior, exceto no caso da NSRV, passou por revisões nas últimas décadas. Isso não só desencadeou grande parte das discussões sobre as traduções desatualizadas, mas também exigiu algumas explicações a mais acerca das razões para revisões dessas bem estabelecidas e bem apreciadas expressões da Bíblia em inglês. Na primeira edição, oferecemos muitos de nossos comentários em contraste com a King James

Version; estávamos conscientes de como poucos dentre a maioria das pessoas nos EUA e Canadá (aqueles abaixo de 35 anos) tem qualquer intimidade com a King James Version. Por isso, também foi necessário revisar a primeira edição de *How to Read the Bible Book by Book*.

Outro detalhe óbvio que precisava de séria atualização — e (por incrível que pareça!) será necessária outra atualização tão logo esta edição esteja disponível — é a lista de comentários sugeridos no apêndice. Novos e bons comentários surgem sempre. Assim, como antes, relembramos os leitores de que precisam estar conscientes disso e tentar encontrar auxílio onde puderem. Mesmo assim, nossa presente lista lhe proporcionará uma excelente ajuda para os próximos anos.

Entretanto, sentimos que outros capítulos também precisavam de revisão. E isso reflete tanto nosso próprio crescimento como nossa percepção de mudança no clima e perfil de nosso público leitor das duas últimas décadas. Na época da primeira edição, tínhamos apresentado um pano de fundo em que a interpretação pobre da Escritura era infelizmente um fenômeno frequente. Isso nos levou em alguns capítulos a reforçar o modo como *não* devemos ler certos gêneros. Nossa opinião é a de que a maioria dos leitores de hoje conhecem muito pouco sobre essas formas simplistas de “fazer Bíblia”, em parte, porque atravessamos um período em que encontramos, de forma assustadora, um grande número de pessoas que, em geral, são bíblicamente iletradas. Em alguns capítulos, nossa ênfase mudou e decididamente optamos por seguir na direção de ensinar primeiro como ler bem, dando menor ênfase aos textos que foram mal-interpretados no passado.

Também esperamos que aqueles que lerem este prefácio leiam também o prefácio à primeira edição em que fizemos uma pequena alteração em uma frase para dar maior clareza. Embora algumas coisas já estejam ultrapassadas (especialmente a menção a outros livros), ele ainda serve como prefácio autêntico do livro e deve orientá-lo sobre o que você pode esperar de *Entendes o que lê?*

Ainda temos uma palavrinha para dar sobre o título — uma vez que recebemos comentários sugerindo “correções” não apenas em outras partes do livro mas também no título. Não houve erro, nem nós nem os editores cometeram um erro! O “its” do título *How to*

*Read the Bible for All Its Worth*¹ [Como ler a Bíblia com todo seu valor] faz parte de um jogo de palavras que funciona apenas quando aparece sem o apóstrofo; e, por fim, nossa própria ênfase encontra-se no uso desse possessivo. A Escritura é a palavra de Deus, e queremos que as pessoas a leiam por causa do grande valor que a Bíblia tem para elas. E se elas fazem isso “por causa do grande valor que a Bíblia tem” consequentemente valorizarão suas próprias vidas.

Novamente, gostaríamos de agradecer várias pessoas que nos ajudaram a aperfeiçoar este livro, pessoas a quem devemos muito. Maudine Fee, que leu cada palavra várias vezes, com olhar agudo para coisas que somente estudiosos poderiam entender (!); um agradecimento especial também a V. Phillips Long, Bruce W. Waltke e Bill Barker pelas diversas contribuições.

Estamos tanto constrangidos como agradecidos com o sucesso que este livro tem alcançado nas duas últimas décadas. E esperamos que esta nova edição possa mostrar-se igualmente útil.

Gordon D. Fee
 Douglas Stuart
 Janeiro de 2002

¹ Este é o título em inglês do livro *Entendes o que lês?* [N. do T.].

Prefácio à primeira edição

Em um de nossos momentos mais descontraídos, brincamos com a ideia de chamar este livro: *Não apenas mais um livro sobre como entender a Bíblia*. Como prevaleceu o bom senso, o “título” saiu perdendo. Semelhante título, no entanto, realmente descreveria o tipo de necessidade que levou este livro a ser escrito.

São abundantes os livros sobre como entender a Bíblia. Alguns são bons, outros não são tão bons assim. Poucos são escritos por estudiosos bíblicos. Alguns desses livros abordam o assunto a partir da variedade de métodos que se pode empregar ao estudar as Escrituras, outros procuram ser manuais básicos de hermenêutica (a ciência da interpretação) para o leigo. Tais livros usualmente oferecem uma longa seção de regras gerais (regras estas que se aplicam a todos os textos bíblicos) e outras seções de regras específicas (regras que governam tipos especiais de problemas: a profecia, a tipologia, as figuras de linguagem etc.).

Dos livros do tipo “manual básico” recomendamos especialmente *Knowing Scripture*, de R. C. Sproul (InterVarsity Press). Para uma dose da mesma matéria, mais pesada e menos fácil de ler, mas muito útil, deve-se recorrer a A. Berkeley Mickelson: *Interpreting the Bible* (Eerdmans). O que existe de mais próximo do tipo de livro que escrevemos é *Better Bible Study*, de Berkeley e Alvera Mickelson (Regal).

Mas este não é “apenas mais um livro” — assim esperamos. A singularidade daquilo que procuramos fazer tem várias facetas:

1. Uma olhada no sumário é suficiente para notar que a preocupação básica deste livro diz respeito à compreensão dos vários tipos de literatura (os gêneros literários) que compõem a Bíblia. Embora realmente falemos de outras questões, essa abordagem genérica controlou tudo quanto foi feito. Afirmamos que há uma diferença real entre um salmo, de um lado, e uma epístola, de outro. Nossa intenção é ajudar o leitor a ler e estudar os salmos como poemas, e as epístolas como cartas. Esperamos ter conseguido demonstrar que essas diferenças são

vitais e que devem afetar tanto o modo de a pessoa lê-los quanto a maneira de compreender sua mensagem para hoje.

2. Embora tenhamos, ao longo do livro, dado várias vezes orientações para *estudar* cada gênero das Escrituras, estamos igualmente interessados na *leitura* inteligente delas porque é isso que a maioria de nós faz com mais frequência. Qualquer pessoa que tentou, por exemplo, ler Levítico, Jeremias ou Provérbios, do começo ao fim, em contraste com 1Samuel ou Atos, sabe muito bem que há muitas diferenças. Pode-se ficar enalhado em Levítico, e quem não sentiu a frustração de completar a leitura de Isaías ou Jeremias e então perguntar a si mesmo qual era o “fio da meada”? Em contraste, 1Samuel e Atos são de agradável leitura. Esperamos ajudar você a apreciar essas diferenças e a ler de modo inteligente e proveitoso as partes não narrativas da Bíblia.

3. Este livro foi escrito por dois professores de seminário, aquelas pessoas às vezes secas e indigestas que outros livros são escritos para evitá-los. Com frequência, diz-se que não é necessário ter uma formação de seminário para compreender a Bíblia. É verdade, e cremos nisso de todo o nosso coração. Mas também nos preocupamos com a sugestão (às vezes) oculta de que uma formação num seminário ou os próprios professores de seminário são, portanto, um *empecilho* à compreensão da Bíblia. Temos a ousadia de pensar que até mesmo os “peritos” podem ter algo a dizer.

Além disso, acontece que esses dois professores de seminário são crentes que pensam ser necessário obedecer aos textos bíblicos, e não só lê-los ou estudá-los. É exatamente esse interesse que nos levou a ser estudiosos logo de início. Tínhamos um grande desejo de compreender tão cuidadosamente e tão plenamente quanto possível o que é que devemos saber acerca de Deus e da sua vontade no século XX (e agora no século XXI).

Esses dois professores de seminário também pregam e ensinam a Palavra de modo regular numa variedade de situações eclesíásticas. Logo, somos regularmente conclamados, não só a sermos estudiosos mas também a compreendermos a maneira de aplicar a Bíblia, e isso nos leva ao nosso quarto item.

4. A grande necessidade que causou a existência deste livro é a hermenêutica; escrevemos especialmente para ajudar os crentes a lutar

com as questões da aplicação. Muitos dos problemas urgentes na igreja hoje são basicamente esforços para ligar o abismo hermenêutico, que tem a ver com a mudança do “lá e antigamente” do texto original para o “aqui e atualmente” das situações da nossa própria vida. Mas isso também significa ligar o abismo entre o estudioso e o leigo. A preocupação do estudioso diz respeito primariamente àquilo que o texto *significava*; a preocupação primária do leigo usualmente é com aquilo que o texto *significa*. O estudioso cristão insiste que devemos ter ambos. Ler a Bíblia tendo em vista *somente* seu significado para nós pode levar a grande dose de contrassenso bem como a todo tipo imaginável de erro — devido à falta de controle. Felizmente, a maioria dos cristãos é abençoada com pelo menos uma medida da mais importante habilidade hermenêutica — o bom senso.

Por outro lado, nada pode ser tão seco e sem vida para a igreja quanto tornar o estudo bíblico meramente um exercício acadêmico de investigação histórica. Embora a Palavra tenha sido dada num contexto histórico concreto, sua qualidade sem igual é que a Palavra, historicamente dada e condicionada, é sempre uma Palavra viva.

Nossa preocupação, portanto, deve ser com as duas dimensões. O estudioso cristão insiste que os textos bíblicos primeiramente *significam aquilo que significavam*. Ou seja, cremos que a Palavra de Deus para nós hoje é primeiramente aquilo que sua Palavra era para eles. Temos, portanto, duas tarefas: em primeiro lugar, descobrir o que o texto significava originalmente, esta tarefa é chamada *exegese*. Em segundo lugar, devemos aprender a escutar esse mesmo significado na variedade de contextos novos ou diferentes dos nossos próprios dias; chamamos a essa segunda tarefa de *hermenêutica*. No seu sentido clássico, o termo “hermenêutica” abrange as duas tarefas, mas neste livro o usamos consistentemente somente neste sentido mais estrito. Realizar bem as duas tarefas deve ser o alvo do estudo bíblico.

Assim, nos capítulos três ao treze, que tratam de dez tipos diferentes de gêneros literários, dedicamos nossa atenção às duas necessidades. Visto ser a exegese sempre a primeira tarefa, gastamos boa parte do nosso tempo enfatizando a singularidade de cada um dos gêneros. O que é um salmo bíblico? Quais são os tipos diferentes? Qual é a natureza da poesia hebraica? Como tudo isso afeta o nosso

entendimento? Mas também estamos empenhados em saber como os vários salmos funcionam como a palavra de Deus. O que Deus está querendo dizer? O que devemos aprender, ou como devemos obedecer? Aqui, evitamos uma apresentação de regras. O que oferecemos são orientações, sugestões, ajudas.

Reconhecemos que a primeira tarefa — a exegese — muitas vezes é considerada uma questão de especialista. Às vezes, isso é verdade. Mas não é necessário que alguém seja um especialista para aprender a fazer bem as tarefas da exegese. O segredo está em aprender a fazer as perguntas certas ao texto. Esperamos, portanto, ensinar o leitor a fazer as perguntas certas a cada gênero bíblico. Haverá ocasiões em que a pessoa finalmente desejará consultar também os especialistas. Também oferecemos algumas sugestões práticas sobre esse assunto.

Cada autor é responsável por aqueles capítulos que pertencem à sua área de especialidade.¹ Dessa forma, o professor Fee escreveu os capítulos 1—4, 6—8, e 13; e o professor Stuart escreveu os capítulos 5 e 9—12. Embora cada autor tenha influído consideravelmente nos capítulos do outro, e embora consideremos que o livro seja verdadeiramente um esforço em conjunto, o leitor cuidadoso também observará que cada autor tem seu próprio estilo e maneira de apresentação. Agradecemos especialmente a alguns amigos e parentes que leram vários dos capítulos e ofereceram conselhos úteis: Frank DeRemer, Bill Jackson, Judy Peace, e Maudine, Cherith, Craig e Brian Fee. Agradecemos também de modo especial nossas secretárias, Carrie Powell e Holly Greening, por terem datilografado tanto os esboços quanto o manuscrito definitivo.

Nas palavras da criança que moveram Agostinho a ler uma passagem de Romanos na experiência da sua conversão, dizemos: “*Tolle, lege*. Toma e lê”. A Bíblia é a palavra eterna de Deus. Leia-a, compreenda-a, obedeça-lhe.

¹ A Baker Book House, de Grand Rapids, Michigan, deu-nos autorização para usar a matéria dos capítulos 3, 4 e 6, que apareceram anteriormente numa forma diferente como: “Hermeneutics and Common Sense: An Explanatory Essay on the Hermeneutics of the Epistles”, em *Inerrancy and Common Sense* (ed. J. R. Michaels e R. R. Nicole, 1980), p. 161-186; e “Hermeneutics and Historical Precedent — A Major Problem in Pentecostal Hermeneutics”, em *Perspectives on the New Pentecostalism* (ed. R. P. Spittler, 1976), p. 118-132.

Introdução: a necessidade de interpretação

“Você não precisa interpretar a Bíblia. Apenas leia e faça o que ela diz”. É muito comum encontrarmos pessoas que defendem essa ideia com bastante convicção. Em geral, essa ideia reflete o protesto do leigo contra o “especialista”, o estudioso, o pastor, o catedrático ou o professor de escola bíblica dominical que, a partir do recurso da “interpretação”, parecem privar a pessoa comum de entender a Bíblia. Esse protesto também é uma forma de dizer que a Bíblia não é um livro de difícil compreensão. “Afinal de contas”, argumentam os leigos, “qualquer pessoa com metade de sua capacidade intelectual pode lê-la e entendê-la. O problema com um grande número de pregadores e professores é que cavam tanto a terra que acabam por enlamear as águas. O que tínhamos lido e era claro para nós, agora já não está mais tão claro”.

Há certo grau de verdade em tal protesto. Concordamos que os cristãos devam aprender a ler a Bíblia, crer nela e obedecer-lhe. Em especial, concordamos com o argumento de que a Bíblia não precisa ser um livro de difícil compreensão, se for corretamente lida e estudada. Na realidade, estamos convictos de que o problema específico mais sério que as pessoas têm com a Bíblia não é a *falta* de entendimento, mas sim a busca desenfreada pelo melhor entendimento das coisas! O problema de um texto como “Fizei todas as coisas sem queixas nem discórdias” (Fp 2.14), por exemplo, não é compreendê-lo, mas sim obedecer-lhe — colocá-lo em prática.

Também concordamos que há uma inclinação demasiada da parte do pregador ou do professor em primeiro escavar, e só depois

olhar para o texto, o que acaba por encobrir o significado claro, que frequentemente está na superfície. É preciso dizer logo de início — e repetir a cada passo — que o alvo da boa interpretação não é a originalidade; não se procura descobrir aquilo que ninguém jamais viu.

Uma interpretação que visa à originalidade, ou a pressupõe, em geral pode ser fruto de orgulho (uma tentativa de “ser mais inteligente” do que todo o resto do mundo), de falso entendimento da espiritualidade (a Bíblia está repleta de verdades profundas que esperam ser escavadas por uma pessoa espiritualmente sensível, com profundo discernimento das coisas) ou de interesses pessoais (necessidade de fundamentar um pressuposto teológico, especialmente quando se trata de textos que parecem contradizer tal pressuposto). Em linhas gerais, tais interpretações “originais” estão erradas, o que não implica dizer que o entendimento correto de um texto não possa frequentemente parecer original para alguém que o ouve pela primeira vez. Enfim, o que de fato queremos argumentar é que a originalidade *não* é o alvo de nossa tarefa.

O alvo de toda boa interpretação é simples: chegar ao “significado claro do texto”. E o ingrediente mais importante para cumprir essa tarefa, e que nunca podemos deixar de lado, é o bom senso suficientemente aguçado. O teste de uma boa interpretação está em saber se esta expõe o correto sentido do texto. Portanto, a interpretação correta tanto consola a mente, como pode também incitar ou irritar o coração.

Entretanto, se o significado claro já está naquilo a que se refere à interpretação, então por que interpretar? Por que não ler, simplesmente? O significado claro não provém de uma simples leitura? Em certo sentido, sim. Contudo, em um sentido mais preciso, semelhante argumento é tanto ingênuo quanto irreal por causa de dois fatores: a natureza do leitor e a natureza da Escritura.

O leitor como intérprete

A primeira razão por que precisamos aprender *como* interpretar é que todo leitor — quer queira, quer não — é ao mesmo tempo um intérprete; ou seja, a maioria de nós assume que, quando lemos, também entendemos o que lemos. Temos também a tendência de pensar que *nosso entendimento* é a mesma coisa que a *intenção* do

MAIS DE MEIO MILHÃO DE EXEMPLARES VENDIDOS NOS EUA!

“Entendes o que lêes?” Essa pergunta foi feita por Filipe, há muito anos, a um eunuco, alto oficial da rainha da Etiópia, que estava lendo o livro de Isaías sem nada compreender. Lucas narra em Atos a resposta desafiante do eunuco:

“Como posso entender se não há ninguém para me explicar?”.

O tempo passou, mas o desafio continua, pois hoje não são poucos que, a exemplo do eunuco, admitem não conseguir entender a Bíblia. Foi pensando nessas pessoas que Gordon Fee e Douglas Stuart escreveram este livro. Esses dois especialistas em Bíblia defendem a seguinte tese: para compreender bem as Escrituras, o leitor terá de conhecer primeiro os diferentes gêneros literários que compõem a Bíblia. E para cada gênero temos uma metodologia apropriada. Assim, cada capítulo traz uma explicação sobre a natureza de um determinado gênero literário e os aspectos que o diferenciam dos demais.

Nesta nova edição, o leitor desfrutará de um livro totalmente atualizado. Inclusive com o acréscimo de um capítulo que trata sobre a questão da tradução da Bíblia e o uso das diversas versões para a tarefa da interpretação bíblica.

Pastores, seminaristas, professores de escola bíblica e seminário, enfim, todos aqueles que desejam ampliar seus conhecimentos e aperfeiçoar sua análise das Escrituras têm em suas mãos um excelente guia de estudo. Esperamos que, ao lê-lo, a tarefa da pregação da Palavra seja cada vez mais aprimorada, e a pergunta feita ao eunuco possa finalmente receber uma resposta positiva: Sim!


VIDA NOVA
www.vidanova.com.br

ISBN 978-85-275-0460-7



9 788527 504607